



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18024 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

SABERES ANCESTRAIS DOS TERREIROS: REDEFININDO E CONTRACOLONIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Belijane Marques Feitosa - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Maria Thaís de Oliveira Batista - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Priscila Nunes Brazil - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

SABERES ANCESTRAIS DOS TERREIROS: REDEFININDO E CONTRACOLONIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o campo da educação tem sido desafiado a repensar seus fundamentos, métodos e práticas à luz das críticas ao legado colonial que permeia o sistema educacional. A persistência de um currículo eurocêntrico, que ignora ou marginaliza os saberes e práticas culturais não ocidentais, evidencia a necessidade urgente de uma educação que reconheça e valorize a diversidade epistêmica. Nesse contexto, a pedagogia do terreiro emerge como uma potente alternativa contracolonial, trazendo para o centro do debate educacional os saberes ancestrais e as práticas culturais dos povos de matriz africana.

A pedagogia do terreiro, fundamentada na ancestralidade, na espiritualidade e na coletividade, oferece uma perspectiva única para a formação de professores. Ao incorporar esses saberes, a formação docente pode se tornar um espaço de resistência e transformação, promovendo uma educação que não apenas respeita, mas celebra as identidades culturais dos estudantes. No entanto, o sistema educacional brasileiro ainda enfrenta dificuldades significativas para dialogar com essas práticas de forma efetiva, devido a resistências institucionais e ao predomínio de paradigmas pedagógicos coloniais.

A problemática que este artigo busca abordar centra-se na questão: Como os saberes e fazeres da pedagogia do terreiro podem contribuir para a formação de professores em uma perspectiva contracolonial? Essa questão levanta o debate sobre a capacidade das práticas educativas tradicionais de responder às

necessidades de um país multicultural como o Brasil, onde as identidades afro-brasileiras e as religiosidades de matriz africana desempenham um papel crucial na formação da cultura e da sociedade.

O objetivo deste artigo é explorar como os saberes e fazeres da pedagogia do terreiro podem ser atravessados na formação de professores, oferecendo uma base para práticas pedagógicas que promovam uma educação crítica, inclusiva e contracolonial. O estudo visa destacar as contribuições específicas da pedagogia do terreiro, refletindo sobre seu potencial para desconstruir o carrego colonial presente na educação e construir caminhos educacionais que valorizem as identidades culturais e a ancestralidade dos povos afrodescendentes.

2 COLONIALISMO E EDUCAÇÃO: A PERSISTÊNCIA DO EUROCENTRISMO NO CURRÍCULO ESCOLAR

A relação entre contracolonialismo e educação é profunda e complexa, revelando como o legado colonial continua a moldar as práticas pedagógicas e curriculares em contextos pós-coloniais. A educação, desde os tempos coloniais, foi utilizada como uma ferramenta de controle e dominação, destinada a impor valores, normas e conhecimentos eurocêntricos sobre as populações colonizadas. Esse processo, como argumenta Aníbal Quijano (2000), levou à "colonialidade do poder", uma estrutura de dominação que transcende o período colonial e continua a influenciar a sociedade, a cultura e, especialmente, a educação.

Os currículos escolares contemporâneos, em muitos países que sofreram colonização, ainda refletem essa colonialidade ao priorizar conhecimentos e perspectivas europeias em detrimento dos saberes locais e ancestrais. Achille Mbembe (2016), em sua análise crítica, explora como o colonialismo e suas heranças continuam a afetar a organização social e educacional, evidenciando a persistência do eurocentrismo. Mbembe argumenta que as estruturas coloniais ainda moldam as instituições educacionais e suas práticas, contribuindo para a exclusão e marginalização de outras epistemologias.

Nego Bispo (2018), por sua vez, traz uma perspectiva crítica sobre a necessidade de uma educação que reconheça e valorize os saberes ancestrais e as culturas afro-brasileiras. Bispo defende uma abordagem contracolonial que desafie a hegemonia eurocêntrica e promova uma revalorização das práticas culturais e espirituais das comunidades afrodescendentes. Sua obra enfatiza a importância de promover essas práticas na educação para criar um currículo mais inclusivo e representativo.

O currículo eurocêntrico não apenas marginaliza as culturas e conhecimentos indígenas e afrodescendentes, mas também promove uma visão de mundo monolítica e reducionista. Catherine Walsh (2007) discute como a imposição de um único modo de conhecimento constrói um "outro" desvalorizado, cujos saberes são vistos como inferiores ou irrelevantes para a formação educacional. Essa visão de

mundo contribui para a manutenção de um sistema educacional excludente, onde as identidades culturais não ocidentais são invisibilizadas ou folclorizadas.

A resistência a esse modelo hegemônico tem se fortalecido com o movimento contracolonial, que busca desafiar e dismantelar as estruturas coloniais ainda presentes na educação. Paulo Freire, em sua obra "Pedagogia do Oprimido" (1970), já destacava a importância de uma educação que permita a conscientização e a emancipação dos oprimidos, um conceito que ressoa fortemente com as propostas contracoloniais atuais. A pedagogia de Freire enfatiza a necessidade de um currículo que dialogue com as realidades culturais e sociais dos educandos, reconhecendo e valorizando seus saberes e experiências.

No entanto, como apontam Mbembe, Bispo e outros teóricos contracoloniais, as tentativas de contracolonizar o currículo enfrentam resistências significativas. Instituições educacionais, profundamente enraizadas em práticas coloniais, tendem a reproduzir o status quo, resistindo a mudanças que possam ameaçar a sua hegemonia. A contracolonização do currículo requer, portanto, não apenas a inclusão de novos conteúdos, mas uma reestruturação profunda das formas de ensinar e aprender, que reconheça e valorize as múltiplas epistemologias presentes nas sociedades pós-coloniais.

Desse modo, o impacto do colonialismo na educação continua a ser evidente na perpetuação de um currículo eurocêntrico e excludente. O desafio atual é desconstruir essas estruturas coloniais e promover uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e representativa das diversidades culturais e epistemológicas.

3 CONTRACOLONIALISMO E EDUCAÇÃO: A URGÊNCIA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE VALORIZEM SABERES MARGINALIZADOS

O contracolonialismo surge como uma resposta crítica às persistências do colonialismo nas sociedades contemporâneas, especialmente na educação. O conceito de contracolonialismo, como desenvolvido por autores como Achille Mbembe (2016) e Nego Bispo (2018), não apenas critica os legados históricos do colonialismo, mas também examina como as formas contínuas de dominação e exclusão se manifestam nas práticas educacionais e nas estruturas sociais contemporâneas.

Na educação, a colonialidade se expressa por meio de currículos que perpetuam a hegemonia do conhecimento ocidental, marginalizando ou subalternizando outras formas de saber. O currículo eurocêntrico prioriza o conhecimento científico ocidental como o único válido, enquanto desvaloriza ou ignora completamente os saberes tradicionais, indígenas e afrodescendentes. Essa exclusão não é neutra, mas carregada de implicações políticas, culturais e epistemológicas que mantêm as populações marginalizadas em posições subalternas.

Achille Mbembe (2016) explora como as estruturas coloniais ainda moldam as instituições educacionais e suas práticas, evidenciando a persistência do eurocentrismo e suas implicações na organização social e educacional. Para Mbembe, a educação deve desafiar essas heranças coloniais e promover um diálogo crítico sobre os saberes e práticas marginalizados.

Nego Bispo (2018), por sua vez, aborda a importância de atravessar a pedagogia do terreiro na formação docente. Bispo defende a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem os saberes ancestrais e as culturas afro-brasileiras, propondo uma abordagem contracolonial que desafie a hegemonia do conhecimento ocidental e promova uma educação mais inclusiva e representativa.

Boaventura de Sousa Santos (2014) contribui para essa discussão com o conceito de "epistemologias do Sul", que advoga pela valorização dos conhecimentos emergentes das lutas sociais e das experiências de povos historicamente oprimidos. Santos defende uma "ecologia de saberes", onde múltiplas epistemologias coexistem e se fortalecem mutuamente, desafiando a monocultura do conhecimento ocidental. Nesse contexto, a contracolonialidade na educação implica uma reconfiguração radical do processo de produção e legitimação do conhecimento.

Catherine Walsh (2007) destaca a necessidade de práticas pedagógicas enraizadas nas realidades locais e culturais dos educandos. Walsh argumenta que a educação contracolonial deve romper com a imposição de saberes externos e valorizar as práticas, histórias e conhecimentos que emanam das próprias comunidades. Isso requer uma pedagogia dialógica e participativa, comprometida com a transformação social, onde os estudantes são reconhecidos como portadores de conhecimentos valiosos que contribuem para o processo educativo.

A contracolonialidade na educação exige, portanto, um repensar profundo das práticas pedagógicas. Paulo Freire, com sua *Pedagogia do Oprimido* (1970), já defendia a importância de uma educação libertadora, baseada no diálogo e na valorização das experiências dos oprimidos. Embora Freire não utilize o termo "contracolonialidade", sua obra é fundamental para a abordagem contracolonial ao propor uma educação que desafie as estruturas de poder estabelecidas e promova a emancipação dos educandos.

No entanto, a implementação de práticas pedagógicas contracoloniais enfrenta resistências significativas. As instituições educacionais, muitas vezes profundamente enraizadas em práticas coloniais, tendem a reproduzir o status quo, resistindo a mudanças que possam ameaçar a sua hegemonia. Transformar essas estruturas requer não apenas uma reconfiguração curricular, mas também uma transformação dos valores e das relações de poder dentro da escola, incluindo a formação de educadores preparados para reconhecer e valorizar os saberes locais.

Nesse sentido, o contracolonialismo traz à tona a necessidade urgente de repensar a educação a partir de uma perspectiva que valorize os saberes locais e

marginalizados. A contracolonialidade na educação não é apenas uma questão de justiça social, mas uma condição necessária para a construção de sociedades verdadeiramente democráticas e pluralistas.

4 PEDAGOGIA DO TERREIRO: ANCESTRALIDADE, COLETIVIDADE E EDUCAÇÃO RITUALÍSTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

A pedagogia do terreiro emerge como um saber ancestral e espiritual que vai além das práticas educacionais convencionais, oferecendo uma formação integral que inclui dimensões espirituais, comunitárias e culturais. No contexto dos terreiros, a educação não se limita ao ensino formal, mas envolve a incorporação de conhecimentos e práticas que são transmitidos através de rituais, celebrações e vivências comunitárias. Essa abordagem reflete uma pedagogia que valoriza o ser em sua totalidade, abrangendo corpo, mente, espírito e comunidade.

A ancestralidade e a espiritualidade desempenham papéis centrais na pedagogia do terreiro, funcionando como pilares que sustentam a formação integral do ser. A conexão com os ancestrais e com o sagrado é parte fundamental do aprendizado nos terreiros, onde o conhecimento é transmitido não apenas através da oralidade, mas também por meio de experiências vividas e espirituais. De acordo com Areda (2008), o culto a Exu, por exemplo, simboliza a reescrita do mundo, onde os ensinamentos ancestrais são perpetuados e reinterpretados, influenciando diretamente a forma como o conhecimento é abordado e transmitido. Assim, a espiritualidade, longe de ser uma dimensão à parte, integra-se à vida cotidiana e à formação dos indivíduos, possibilitando uma educação que considera as múltiplas dimensões do ser.

Outro aspecto crucial da pedagogia do terreiro é a centralidade da comunidade e do sentido de coletividade. Nos terreiros, a educação é um processo coletivo, onde o saber é construído e compartilhado em comunidade. A experiência de aprendizado é coletiva, baseada na vivência e no compartilhamento dos saberes. Barros (2019) aponta que a pedagogia do terreiro promove um sentido de pertencimento e identidade coletiva, o que contrasta com a educação ocidental, que muitas vezes enfatiza a individualidade e a competição. Essa valorização da coletividade é essencial para a formação docente, pois desafia o paradigma da educação tradicional e sugere uma prática pedagógica mais inclusiva, onde o saber é construído coletivamente e em diálogo com as diferentes vozes da comunidade.

A ritualística e as práticas culturais dos terreiros são componentes essenciais na formação de professores que buscam promover uma educação mais inclusiva e diversificada. Simas e Rufino (2018) destacam a importância da "ciência encantada das macumbas" como uma forma de conhecimento que, ao ser incorporada na formação docente, pode enriquecer a prática pedagógica, trazendo à tona saberes que são frequentemente marginalizados pela educação formal. Incorporar rituais e práticas culturais na formação de professores não significa apenas reconhecer e

valorizar esses saberes, mas também criar espaços de resistência e afirmação de identidades que foram historicamente oprimidas.

A pedagogia do terreiro oferece uma visão abrangente e inclusiva na educação, onde a ancestralidade, a espiritualidade, a coletividade e as práticas culturais são entrelaçadas para formar um tecido educativo rico e diversificado. Ao dialogar com esses saberes, a formação docente pode se tornar mais inclusiva, crítica e comprometida com a valorização das culturas e saberes marginalizados, promovendo uma educação que respeite e celebre a diversidade em todas as suas formas.

5 CONCLUSÃO

A presente discussão sobre a pedagogia do terreiro revelou-se uma oportunidade rica e necessária de refletir sobre práticas educativas que emergem de contextos culturais, espirituais e ancestrais que resistem à hegemonia ocidental. Os saberes e fazeres dos terreiros, muitas vezes marginalizados e invisibilizados no cenário educacional formal, oferecem uma visão holística e integral da formação do ser, fundamentada em valores como ancestralidade, espiritualidade, comunidade e coletividade.

A partir das abordagens discutidas, fica evidente que a pedagogia do terreiro propõe uma educação que vai além do mero acúmulo de conhecimentos, ao priorizar a formação do sujeito em sua totalidade—corpo, mente e espírito—e em sua relação com a comunidade e o meio ambiente. A ritualística e as práticas culturais dos terreiros, quando incorporadas na formação de professores, têm o potencial de enriquecer o currículo e promover uma educação verdadeiramente inclusiva e diversificada. Tais práticas oferecem caminhos para a superação de paradigmas coloniais, propondo uma educação que valoriza a diversidade cultural e a identidade coletiva como elementos centrais do processo educativo.

O diálogo com os princípios da pedagogia do terreiro na formação docente não apenas contribui para o reconhecimento e valorização das culturas afro-brasileiras, mas também sugere uma pedagogia que se compromete com a justiça social, o respeito às diferenças e a promoção de uma cidadania crítica. Ao adotar uma perspectiva decolonial, esta pedagogia desafia os educadores a repensarem suas práticas e a buscarem uma educação que se conecte profundamente com as realidades culturais e espirituais dos estudantes.

Assim, conclui-se que a pedagogia do terreiro não é apenas uma alternativa pedagógica, mas uma resposta contundente às necessidades de uma educação que se comprometa com a transformação social e a emancipação dos sujeitos. Em tempos de incertezas e desafios globais, essa pedagogia nos convida a olhar para o futuro com a sabedoria do passado, enraizada em uma espiritualidade que nos reconecta com nossas origens e nos fortalece para a construção de um mundo mais justo, solidário e inclusivo.

REFERÊNCIAS

AREDA, J. L. **O culto a Exu e a reescrita do mundo**: uma abordagem afro-brasileira da educação. São Paulo: Pallas, 2008.

BARROS, F. M. **A pedagogia do terreiro**: coletividade e ancestralidade na educação. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2019.

BISPO, Nego. **A educação e a pedagogia no terreiro**: saberes ancestrais na formação docente. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

MIGNOLO, Walter D. **The darker side of Western modernity**: global futures, decolonial options. Durham: Duke University Press, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. **Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologies of the South**: justice against epistemicide. Boulder: Paradigm Publishers, 2014.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade: análise de estratégias pedagógicas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 47-62.